

L • E • T • U • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 3 janeiro de 1993

Rômulo Andrade



O território que hoje constitui o Estado de Goiás começou a ser penetrado por expedições sertanistas a partir de 1590. Essas Bandeiras, organizadas principalmente em São Paulo, vinham em busca de indígenas para escravizar e simultaneamente também à procura de ouro. Segundo Americano do Brasil, das Bandeiras que estiveram em solo goiano no início do século XVIII muitas nos são hoje desconhecidas por faltarem registros documentais. É a uma dessas expedições ignoradas por nossos historiadores que refere-se a tradição oral corumbaense. Segundo essa fonte, em meados da década de 1710 chegou à confluência do Córrego do Almoço no Rio Corumbá, (local esse não muito distante da nascente do rio), uma Bandeira constituída por membros da família portuguesa Mafra e seus escravos, que alcançaram a região depois de atravessarem o sertão baiano. Esses lusitanos garimpavam em alguns pontos do Rio Corumbá e de seus afluentes, tendo realizado uma obra de vulto ao secarem a cachoeira desse rio, desviando suas águas para um ribeirão próximo que ganhou por isso o nome de "Rasgão", a fim de garimparem nos poços situados acima e abaixo desta cascata. Porém, questões familiares e conflitos com os novos garimpeiros que a partir do final da década de 1720 alcançaram essa região, levaram os Mafra a retornarem a Portugal, conduzindo consigo grande quantidade de ouro.

O ENIGMA DOS MAFRAS

É possível que alguns agregados dos Mafra tenham permanecido na região e relatado a aventura de seus senhores a um dos pioneiros do Arraial de Corumbá (e seu provável fundador), o bandeirante de Jacareí, (SP), Diogo Pires Moreira. O certo é que foram os descendentes de uma irmã de Diogo, Andréza da Silva Moreira, que transmitiram a narrativa sobre os Mafra e sobre a fundação de Corumbá, de geração em geração, durante quase 2 séculos. Andréza foi casada com o português José Viegas de Atayde e um dos seus trinetos, Antônio Viegas de Atayde, narrou esses fatos (no início deste século), a José Ardelino Fleury Curado, José Hercílio Curado Fleury e Sylvio do Rosário Curado Fleury. Estes por sua vez registraram as narrativas de Viegas em trabalhos que utilizei em meu livro, ainda inédito, sobre a história de Corumbá no período colonial. Porém, se a expedição dos Mafra não resultou num processo de povoamento efetivo do vale do Corumbá, uma outra Bandeira começou a realizar tal missão pouco antes do retorno dos Mafra, ocorrido, segundo a tradição, em 1730.

O AVANÇO PAULISTA

O sertão de Goiás já vivia a essa altura dos acontecimentos os primórdios de sua colonização, iniciada em 1726 com o retorno definitivo de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanquera, a essas paragens, agora revestido de poderes a ele delegados pelas autoridades reais. E a partir de 1727, a cada período de seca, passaram a ser organizadas novas bandeiras no Arraial de Sant'Ana objetivando encontrar novas jazidas auríferas. Uma dessas

empresas foi organizada em 1729 tendo à frente o paulista Manoel Dias da Silva, resultando dessa expedição a descoberta dos veios auríferos do Rio Corumbá nas proximidades do local onde erigiram então o arraial de Santa Cruz. Nossas pesquisas sobre a tradição oral e nos arquivos eclesiásticos de Meia-Ponte, atual Pirenópolis, levaram-nos a concluir que a vanguarda da bandeira de Dias da Silva avançou então, como era costume em tais casos, em busca da mais alta cabeceira desse rio. Entretanto, antes de alcançá-la, seus componentes descobriram na confluência do Ribeirão Bagagem no Rio Corumbá uma promissora jazida aurífera que os levou a erigirem, as margens desse manancial, uma ermida e os seus ranchos, dando origem ao povoado de Corumbá. Compunham essa expedição Diogo Pires Moreira, Feliciano Cardoso de Carmago, Estanislau de Toledo Piza, Gaspar Soares Garcia e Manoel Cavalheiro Lumbria além de seus cativos. Esses bandeirantes eram todos paulistas e aparentados entre si e com o guarda-mor Manoel Dias da Silva, a quem cabia repartir as minas descobertas. Seus garimpos foram instalados em mananciais próximos ao arraial por eles iniciado. Diogo garimpou no Rio Corumbá e no Ribeirão Bagagem, Estanislau nos ribeirões Bagagem e Baião, sendo que nesse último curso d'água também garimpavam Feliciano e Gaspar. Cavalheiro tinha o seu garimpo num dos afluentes do Bagagem que ganhou o seu nome. A notícia da descoberta de ouro no Corumbá e em alguns de seus tributários (como o Bagagem e o Baião), trouxe para o arraial um grande contingente humano. Como demonstram os arquivos eclesiásticos, a chegada de imigrantes no distrito corumbaense foi uma constante durante todo o século XVIII. Além de moradores dos arraiais goianos de Meia Ponte, Traíras, Santa Luzia e da capital (Vila Boa), também vieram para Corumbá portugueses, mineiros, cariocas, baianos, pernambucanos, matogrossenses, indígenas da região litorânea e africanos de algumas tribos, sendo que esses dois últimos grupos na condição de escravos.

BABILÔNIA SETECENTISTA

Os novos garimpeiros subiram então o Rio Corumbá rumo à sua nascente, descobrindo nesse percurso as ricas jazidas do Córrego Mandioccal e do Ribeirão da Prata, entre outras. Mais adiante depararam com os garimpos dos Mafra, com quem entraram em conflito. Enquanto isso, outros aventureiros desciam o trecho do Corumbá situado ao sul do arraial. Entre esses últimos estava o português Antônio Rodrigues Chaveiro cujo sobrenome passou a denominar o garimpo por ele organizado num dos córregos tributários do Corumbá (Córrego Chaveiro). Antônio possuiu ainda outros dois garimpos, um dos quais no Rio Corumbá nas proximidades do Córrego Chaveiro e outro no Ribeirão Bagagem. Aliás, esse ribeirão foi bateado em toda a sua extensão e ainda em três de seus afluentes, sendo notáveis os vestígios deixados na Fazenda Vendinha, nas proximidades da nascente do Bagagem. É interessante notar

que a bacia desse ribeirão não foi somente uma das primeiras a ser garimpada, mas também a mais intensamente vasculhada pelos mineiros e a única da qual sabemos o nome de pelo menos um empresário de cada garimpo. Mais tarde os garimpeiros alcançaram outras bacias hidrográficas mais distantes do arraial de Corumbá: as dos rios do Ouro, Capivari, Areias e Verde, totalizando 98 garimpos na região da Capela de Corumbá, dos quais 37 situados entre a nascente do Rio Corumbá e o arraial homônimo, no chamado tronco central da Bacia do Corumbá.

Com o objetivo de ajudar no abastecimento de viveres, surgiram na década de 1730 diversos sítios agrícolas na região de Corumbá. Alguns foram legalizados em 1739 através da obtenção de Cartas de Sesmaria concedidas ao Capitão Diogo Pires Moreira, ao Padre Manoel de Souza Soares, a Gaspar Soares Garcia e a Severina de Abreu Lima. Gaspar e Gregório lavraram a terra no Caminho de São Paulo. Já Severina e o Padre Soares criavam gado bovino no Caminho dos Currais do São Francisco, mesma atividade exercida por Diogo em seu sítio nas proximidades do arraial de Corumbá, junto ao Caminho do Norte.

AS GRANDES FÁBRICAS DE MINERAIS

É interessante notar que, apesar dos pioneiros de Corumbá serem paulistas, os maiores empresários da mineração em nossa região eram portugueses. O mais antigo deles foi o Sargento-Mor Antônio de Oliveira Costa, cujo nome passou a denominar o rio onde existiram dois de seus garimpos. Oliveira Costa possuiu ainda outros sete garimpos espalhados em alguns tributários desse rio, sendo que nas proximidades de um deles, o Córrego Coronel, Antônio mandou edificar sua residência, de onde comandava os garimpos. É possível que esses garimpos tenham permanecido sob a administração de sua viúva após a sua morte ocorrida em 1735. Prova disso é que ela pôde mais tarde enviar um dos seus filhos para estudar em Coimbra e até meados do século XX ainda viviam na fazenda banhada pelo córrego Coronel alguns descendentes legítimos do Sargento-Mor Oliveira Costa, aliás, com as mesmas características físicas dos seus antepassados.

Mas o maior mineiro da região de Corumbá foi o Sargento-Mór Antônio José de Campos. Segundo a tradição recebeu ele em Portugal o roteiro das minas dos Mafra e uma vez na Bacia do Corumbá, estabeleceu-se defronte ao Córrego da Euzébia, situado um pouco acima da Tapera dos Mafra. Ali erigiu um casarão, hoje conhecido como Tapera Grande, de onde dirigia os seus garimpos. Mais tarde Antônio mudou-se para o sítio Cachoeira do Corumbá onde em 1764 nasceu e foi batizado o seu 4º filho. Possuiu também lavras auríferas nas bacias do Rio Verde, do Ribeirão Bagagem e do Rio Areias, nas quais ainda podem ser vistas enormes escavações feitas por seus escravos, tendo possuído 24 garimpos no Distrito de Corumbá. Campos dedicou-se ainda ao comércio de fazenda e às atividades agrícolas. Dessa última

Memória do

A mineração em Corumbá

A mineração de ouro em Corumbá de Goiás foi subavaliada por mais jovens historiadores goianos, mostra neste artigo (com fontes documentais), que Corumbá talvez tenha sido um dos maiores centros de Goiás.

Entre outros fatos inéditos, revela que o recém-criado município de Corumbá teve muitos mineradores do século 18, e relaciona diversas informações

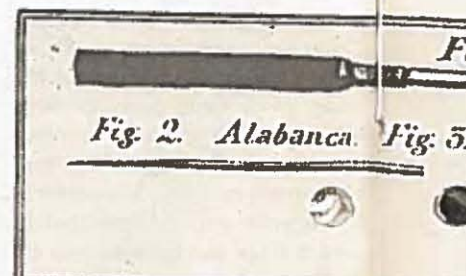
RAMO CULTURAL

foi testemunha o governador da Capitania de Goiás, D. José de Almeida e Vasconcelos, que narrou em seu diário de viagem, escrito em 1778, sua passagem pela roça do Sargento-Mor Campos, situada nas proximidades do Córrego Euzébia. Cremos que essa diversificação de atividades foi decisiva para a sua sobrevivência empresarial na época do declínio da mineração, possibilitando-lhe deixar o falecer, em 1795, um sólido patrimônio aos seus herdeiros, sendo que, das 13 propriedades rurais que legou (onde ficavam os seus garimpos), 5 ainda pertenciam aos seus descendentes em 1856, sendo que, esses, pela época já haviam adquirido outras fazendas. Antonio José doou para a capela do arraial de Corumbá uma imagem de N. Sra. da Penha em tamanho natural, que até hoje permanece na igreja matriz da cidade.

APOGEU AURÍFERO: O PADRE FOI MINERAR...

A década de 1760 foi das mais promissoras para a mineração em Corumbá. Somente no dia 6 de março de 1766, o Padre Manoel da Silva Maya batizou na Capela de N.S. da Penha nada menos que 9 negros adultos pertencentes ao mineiro Antônio Leite da Costa. Esse sacerdote, em janeiro de 1769, alforriou, no ato do batismo, a inocente Maria, cujo pai, Manoel Conde, obteve de seu senhor, o mineiro Sebastião de Conde, dono do garimpo do Córrego Condessa (Bacia do Rio Capivari), a libertação de sua filha mediante o pagamento de 32 oitavas de ouro. O próprio Padre Maya, no mês seguinte, deixou o curato de Corumbá para dedicar-se somente à mineração. Requeceu assim, a 21 de março de 1769, a ratificação da provisão que obtivera antes, referente à posse de Data de Terras e Águas Minerais situadas em dois córregos tributários do Bagagem que ficavam nas proximidades do arraial de Corumbá. Essa ratificação foi-lhe concedida a 8 de agosto do mesmo ano pela Superintendência das Minas de Goiás. No mesmo dia em que dirigiu a supracitada petição, o Padre Maya obteve a concessão de outras 15 Datas de Terras e Águas Minerais no Rio Corumbá, tendo porém recebido do governo apenas 11 das 15 datas pedidas. Elas principiavam em frente à Capela de N.S. da Penha

Fig. 2. Alabanca. Fig. 5.



Representação ou perfil de h



Representação ou perfil de um



Fig. 8.

Fig. 9. Coação seca de terra, ver fát. Hum preto formando seu ca



do Planalto

Corumbá no período colonial

avaliada pelos antigos cronistas. Ramir Curado, um dos antigos (fruto de diversas pesquisas na tradição oral e nas fontes um dos principais distritos mineratórios da Capitania de Goiás.

o município de Cocalzinho-GO já fora vasculhado pelos cronistas raros sobre as Datas de Terras e Águas Minerais.

CURADO

Fig. 1. Verrucosa p. sondar arrior, e examinar os seus leitos.

Fig. 3. Almocafre. Fig. 4. Batca. Fig. 5. Carumbé. Fig. 6. Marreta.



Fig. 7. de hum serriço e desmontação a seco.



Fig. 8. um serriço que fazendo agua se ergotta por pisar, e a força de braços.

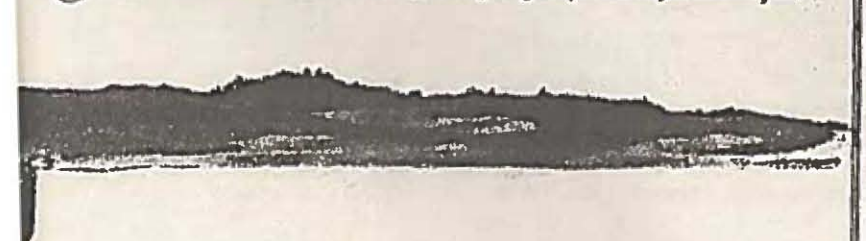
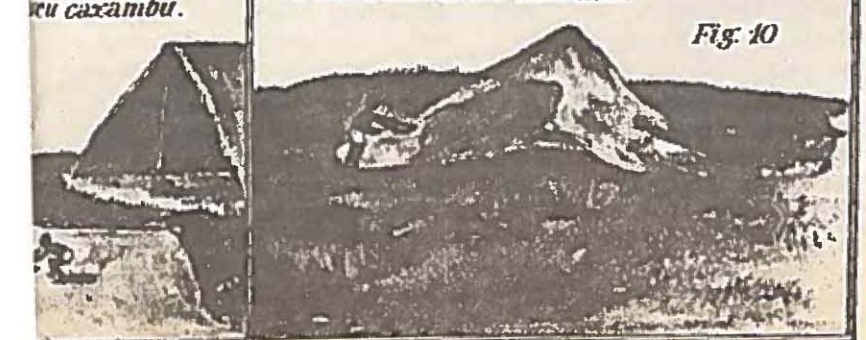


Fig. 9. falta d'agua. seu caxambú.

Fig. 10. Cuyacá em que se lava a terra ou cacalho de que se havia formado o caxambú.



indo até perto do poço que havia sido garimpado por Diogo Pires Moreira nos primórdios do arraial.

A SOCIEDADE DE COCALZINHO

Na década de 1770 a região do Distrito do Arraial de Corumbá viveu uma fase de transição econômica. O número de escravos decresceu, principalmente os importados. Enquanto na sua parte meridional (abaixo do arraial) surgiam várias fazendas dedicadas à agricultura, no vale do Bagagem e nas proximidades da nascente do Rio Corumbá, a mineração ainda era intensa. Dos empreendimentos de prospecção de ouro dessa época, o de maior monta foi o organizado nas lavras do Córrego Cocal e em suas adjacências. Nesse local foi constituída em 1779 uma sociedade de mineração da qual tomaram parte João Pereira Guimarães, João de Paiva Pereira e o Capitão Felisberto Ribeiro Ribas. De acordo com o contrato por eles firmado, cada sócio deveria colocar os seus escravos para trabalhar nas lavras dos córregos Cocal, Taquaral e Sucuri, cujo direito de exploração haviam obtido na Superintendência Geral das Terras e Águas Minerais das Minas de Goiás. Essa concedeu-lhes nos 3 córregos setenta Datas de Terras e Águas Minerais, das quais tomaram posse pela Guardamoria das Minas de Meia Ponte.

É interessante notarmos que, 4 anos depois, em 1783, (segundo Paulo Bertran), João Pereira Guimarães encontrava-se dirigindo um garimpo em Santa Luzia. Teria ele abandonado as lavras do Cocal? Ou estaria administrando simultaneamente os dois Garimpos? A verdade é que, a partir da década de 1780 a mineração entrou em declínio, não só na região de Corumbá como também no restante da Capitania. Isto ocorreu devido a uma série de fatores entre os quais merecem ser destacados a utilização de técnicas rudimentares, a falta de um processo mais racional nos trabalhos de prospecção, a utilização extremamente intensiva da mão-de-obra escrava e o não revestimento dos lucros obtidos nos garimpos por parte dos mineiros e a legislação que regia as minas, cujo caráter essencialmente fiscal demonstra a visão estreita dos governantes durante o período colonial.

RESTOS DA MINERAÇÃO

Uma amostra do declínio da mineração no Distrito de Corumbá no início do século XIX foi a doação, efetuada em 1813 pelos sócios remanescentes das minas do Cocal, Felisberto Ribeiro Ribas e Perpétua Maria Coelho, das terras da Vargem da Canga ao Padre Jerônimo José de Campos, filho do Sargento-Mor Antonio José de Campos. O motivo dessa doação era que eles haviam "Desistido da Atividade de Minerar", enquanto que aquele sacerdote, além de possuir suas terras misturadas com as dos doadores, ainda possuía seu serriço (de garimpo) aberto, "No qual trabalhava". Porém o processo de decadência dos garimpos ainda em atividade àquela época era tão acelerado que, cinco anos depois, em junho de 1818, Saint-Hilaire encontrou nas minas do Cocal apenas um falcador: — "Era um negro velho

liberto, que morava sozinho e provinha o seu sustento catando um pouco de ouro em pó no córrego próximo". Acrescenta ainda o ilustre viajante: Sua humilde morada testemunha sua extrema indigência". Porém no mesmo Cocal via-se então, por toda a parte, montes de pedras de resíduos das lavagens, num testemunho irrefutável dos tempos de prosperidade. As minas de Cocal situam-se nas proximidades de Cocalzinho, município instalado neste ano de 1993. A mineração, entretanto, não havia desaparecido totalmente do Distrito de Corumbá. Em sua estada no arraial no ano de 1823, o Brigadeiro Cunha Matos diz que os moradores dessa localidade dedicavam-se a uma mineração muito resumida. É que essa atividade econômica há muito deixara de ser o sustentáculo da população corumbaense, como constatara em 1812 o Padre Silva e Souza: Corumbá era então um dos únicos arraiais goianos com atividade agropastoril e artesanal geradora de um excedente capaz de abastecer a Capitania de Goiás com fumo, toucinho e panos de algodão.

DISCORDÂNCIAS

A partir do início do presente século foram realizadas muitas pesquisas sobre a história de Corumbá. E no que refere-se à mineração, seus autores foram unânimes em afirmar a importância dos garimpos corumbaenses durante o período colonial. Foram eles os senhores Antônio Felix Curado, José Hercílio Fleury, Sylvio do Rosário Fleury, Cônego José Trindade da Fonseca e Silva, Benedito Odilon Rocha, Jarbas Jayme, Oton Cândia, José Ardelino Curado e Agnelo Arlington F. Curado. E, mais recentemente, Paulo Bertran. Existem porém dois outros estudiosos que afirmam de modo diverso. O primeiro deles é um pesquisador da Codeplan que em 1981, num estudo sobre Corumbá afirmou que a riqueza resultante da exploração das minas corumbaenses "foi incipiente". O outro trabalho é da historiadora Gilka Vasconcelos Ferreira Sales, publicado em 1983, no qual afirma que logo após a descoberta do ouro no Rio Corumbá, esse se cobriu de falcadores, mas "que o ouro arrecadado em suas minas foi de pequena importância".

Esse estudo nos levou porém a concluir diferentemente. Conforme demonstram os vestígios espalhados em diversas propriedades rurais dos municípios de Corumbá de Goiás, Cocalzinho de Goiás, Abadiânia e Alexânia, localidades estas que compunham no período colonial o Distrito de Corumbá, existiram pelo menos 98 garimpos em toda essa região, sendo 47 na Bacia do Rio Corumbá (tronco central), 14 na do Rio Verde, 13 na do Ribeirão Bagagem, 11 na do Capivari, 8 na do Rio do Ouro e 5 na do Rio Areias, sendo que de alguns deles pudemos obter a Carta de Datas de Terras e Águas Minerais concedidas aos seus proprietários. Esse número, pelo menos em termos quantitativos, pode ser considerado

bem significativo no contexto goiano da época, principalmente se levarmos em conta que na vasta região de Traíras, (muito maior que a de Corumbá), existiram no começo da mineração, 31 lavras e grande número de faisqueiras e que no também extenso Termo de Vila Boa chegaram a garimpar 123 minas de ouro.

O DEPOIMENTO GEOLÓGICO

No que diz respeito às dimensões desses garimpos, temos o testemunho do mineralogista francês Francisco Henrique Raimundo Trigant Des Genettes, que em 1868 passou por Corumbá, onde encontrou vestígios de numerosos trabalhos feitos "pelos antigos mineiros para a exploração de ouro". Sendo que na Tapera Grande dos Campos viu "uma montanha de entulhos, restos de antigas lavagens, verdadeiramente monstruosas". Em 1990, o Geólogo da UnB, J. Oswaldo de Araújo Filho estudou os garimpos que Antônio José de Campos teve no Sítio Cachoeira do Corumbá (hoje Camping Salto Corumbá) e os que pertenceram a Antônio Rodrigues Chaveiro e que situavam-se no Rio Corumbá e no Córrego Chaveiro. Desse estudo concluiu que nos dois últimos garimpos, o volume estimado de retirada de material nas rochas foi de 34.700 m³, sendo portanto praticamente igual ao material retirado no Poço do Rasgão, Poço da Cachoeira e Poço Rico, que eram interligados e que juntos perfizeram um total de 33.000m³ de material. Dessa forma afirma ele: "Se considerarmos as duas regiões como representativas da mineração existente, poderemos supor que a remoção de material para se extrair ouro era a média para a época".

Outro geólogo que esteve visitando os vestígios dos antigos garimpos corumbaenses foi Tadeu Veiga, de quem reproduzimos o seguinte parecer: "Os textos históricos praticamente não fazem referência às lavras de Corumbá. Essa omissão não significa que essas lavras não eram importantes, visto estarem situadas em contexto geológico idêntico ao de Pirenópolis e Jaraguá, por exemplo, e disporem em diversos casos de facilidade para utilização de água — requisito fundamental para a época, considerando a precariedade dos meios disponíveis. Além disso, no início do século XIX, por ocasião da visita de Saint-Hilaire e Pohl, o arraial de Corumbá estava em plena decadência, à maneira de outros centros produtores outrora prósperos.

Os estudos científicos dos vestígios dos garimpos auríferos de Corumbá estão apenas começando: até agora só nos foi possível obter pareceres técnicos a respeito de 5 dos 98 garimpos que existiram em seu distrito. Assim, o prosseguimento dessas pesquisas de campo e a descoberta de novos documentos referentes à mineração, poderão ajudar a traçar um panorama mais completo do que foi essa atividade econômica na região corumbaense e o seu verdadeiro significado no contexto goiano.

*RAMIR CURADO é historiador e economista. O presente artigo constitui-se de excertos de seu livro inédito sobre a história de Corumbá. Endereço para correspondência: Praça Monsenhor Chiquinho S/N—Corumbá de Goiás.